

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
WANUZA BENTO DE BRITO

**BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE A COMPRA DE BRINQUEDOS PARA
INSTITUIÇÕES PÚBLICAS**

CAMPO GRANDE-MS

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
WANUZA BENTO DE BRITO

**BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE A COMPRA DE BRINQUEDOS PARA
INSTITUIÇÕES PÚBLICAS**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vera Lúcia Guerra.

CAMPO GRANDE – MS

2017

Dedico
A Deus, que está comigo sempre.
À minha família, que me apoiou durante o curso.
Ao meu esposo, Anderson, que está ao lado de Deus.
À querida Professora Mônica Scharth Gomes, que está ao lado de Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, sem ele não seria capaz.

À minha família, que sempre me incentivou e compreendeu minha ausência nesses últimos meses.

Ao meu esposo Anderson, que agora está ao lado de Deus, e sempre acreditou em mim.

À minha amiga Patrícia Zerlotti, que tanto me ajudou com suas explicações sobre os conteúdos do curso.

Aos meus colegas de sala de aula, que me ajudaram e me deram forças quando perdi meu esposo.

À minha amiga Silvana Harumi, que, durante esses anos, esteve sempre comigo, me ouvindo, principalmente nesses últimos meses.

À minha orientadora, professora Dra. Vera Lucia Guerra, que muito contribuiu, me ajudando, me incentivando, me fazendo acreditar em mim mesma quando pensei que não seria capaz.

À saudosa professora Mônica Scharth Gomes, que tanto contribuiu para minha formação.

À UEMS e a todos os professores que, durante esses anos, contribuíram para a minha formação.

Quando eu estiver, no quarto, construindo um edifício de blocos.
Por favor, não diga que “estou apenas brincando”.
Entenda, estou aprendendo enquanto brinco.
Sobre equilíbrio e forma.
(Anita, Wadley, 1999. Tradução Livre)

RESUMO

O presente trabalho trata do processo de compra e aquisição de brinquedos para 2 (duas) Instituições Públicas de Educação Infantil localizadas no município de Campo Grande - MS. Seus objetivos consistem em: a) Falar da importância do brincar na Educação Infantil. b) Os meios como os brinquedos chegam nas instituições. c) Compreender como ocorre a aquisição dos brinquedos, se é por compra pela instituição ou uma doação e quais são os profissionais que participam desse processo. Para a elaboração desta pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa, na qual o intuito foi de elaborar um estudo exploratório do processo de aquisição de brinquedos para as instituições. O procedimento técnico metodológico consistiu em fundamentação teórica, em que autores como Brougère (2004, 2010), Kishimoto (1990, 2002, 2004, 2011, 2012 e 2016), Bomtempo (1999), Abramovich (1995), Angotti (2007), Barbosa (2006), Goldschimied (2006) e Maluf (2014) nos ajudaram a compreender a importância do brincar para a formação da criança e a função do brinquedo nesse processo de seu desenvolvimento físico e intelectual. Para a realização da coleta de dados, optamos por realizar pesquisa de campo e norteamos o encontro com as gestoras por meio de entrevistas semiestruturadas. Escolhemos coletar os dados com duas (2) diretoras de Instituições de Educação Infantil. Para a execução dessa pesquisa, utilizamos três etapas. A primeira constituiu no aprofundamento do conhecimento sobre a importância do brinquedo na Educação Infantil e a sua definição como objeto ou conjuntos de objetos utilizados como suporte nas brincadeiras. Na segunda etapa, buscamos compreender como o brinquedo industrializado chega às crianças da educação infantil, sobre a classificação do brinquedo e como as indústrias de brinquedo apresentam os modelos nos catálogos. Na terceira etapa, realizamos a análise e discussão dos dados levantados durante a pesquisa de campo no que tange à compra do brinquedo pela instituição de Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar. Indústria do brinquedo. Compra. Educação Infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRINQ – Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos.

APM – Associação de Pais e Mestres.

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

C.O.L. – Classificação de Objetos Lúdicos.

CEINF – Centro de Educação Infantil.

COEDI - Coordenação de Educação Infantil.

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

INMETRO – Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia.

LABRIMP - Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos da Faculdade de Educação de São Paulo.

LDB – Lei de Diretrizes da Educação Brasileira.

MEC – Ministério da Educação.

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1 - O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	6
1.1 – O BRINQUEDO	6
1.2 – BRINQUEDO E EDUCAÇÃO	8
1.3 - EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE.....	12
2 - OS MEIOS DE O BRINQUEDO CHEGAR À INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	16
2.1 – CLASSIFICAÇÃO DOS BRINQUEDOS	16
2.2 – AS INDÚSTRIAS DE BRINQUEDOS	20
2.2.1 – Certificação de brinquedos fabricados e/ou comercializados no País.....	21
2.2.2 – Feiras e catálogos de brinquedos.....	21
2.3 – O PROCESSO DE COMPRA	23
3 - RELAÇÃO ENTRE CEINF E O BRINQUEDO	25
3.1 – A COMPRA E A DOAÇÃO DE BRINQUEDO	25
3.2 – OS CRITÉRIOS PARA A COMPRA DE BRINQUEDOS	27
3.3 - A ESCOLHA DOS MODELOS DE BRINQUEDOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Tanto a brincadeira quanto o brinquedo fazem parte do mundo infantil. As crianças utilizam o brinquedo na maioria das brincadeiras, sejam sozinhas ou em companhia de outras crianças; ele pode ser de madeira, plástico, pano e outros.

Nosso contato com fornecedores de material escolar e brinquedos pedagógicos, com gestores escolares e com pais por mais de sete anos, em um estabelecimento comercial, trouxe alguns conhecimentos específicos sobre o que os adultos adquirem para a criança da Educação Infantil.

Ao frequentar diferentes feiras nacionais e atender vendedores de grandes distribuidoras, constatamos que são oferecidos os mesmos produtos por diferentes fabricantes tendo pequenas variações quase imperceptíveis, o que em momento algum vimos como um problema, pois esta é uma lógica de mercado.

Entretanto, depois que ingressamos no curso de licenciatura em Pedagogia e iniciamos estudos sobre a importância do brincar e a relação do brinquedo com a educação, nossa perspectiva mudou e desejamos conhecer mais sobre o papel do brinquedo na educação infantil.

Por conseguinte, entendemos que o brincar está presente na vida da criança desde os primeiros dias. Brincando, ela compreende valores e costumes, ensaia ações e situações próprias do mundo adulto, desenvolve o físico, cognitivo e emocional, a imaginação, bem como laços afetivos e sociais que, na maioria das brincadeiras, fazem do brinquedo um cúmplice da criança.

Compreendemos ainda que existem vários tipos de brincar e que podem ocorrer em diversos espaços, em casa, na escola, em parques e outros lugares, com ou sem uso de brinquedos.

Seguindo as teses defendidas por Bomtempo (1999), percebemos que, dando à criança acesso a diversos materiais como cubos, tintas, areia, água, brinquedos de diferentes tamanhos, formas e temas, bem como a liberdade para explorá-los à sua maneira, o adulto estará patrocinando a criança desenvolver suas habilidades, a reconhecer as características físicas dos objetos e ofertando a possibilidades de ações com o objeto, assim como permitindo que a mesma compreenda as semelhanças, diferenças, abstrair, classificar e simbolizar. E tudo isso virá, naturalmente, de uma rica e ativa vida e brincadeiras (BOMTEMPO, 1999).

No entanto, há uma diferença entre o brincar propiciado pela família e pelos educadores. Em casa, os pais devem propiciar um brincar de qualidade com seus filhos, deixar escolherem com que brinquedo brincarem e em que local da casa, delimitando o acesso aos cômodos e objetos mais seguros. No ambiente escolar, o brincar atua como suporte, como facilitador para a aprendizagem e ensino (BOMTEMPO, 1999). Dessa forma, ao inserir o brinquedo em uma atividade o educador está promovendo uma aula um pouco mais divertida, trazendo o conhecimento de uma forma diferente da tradicional.

Ao longo do curso, ficamos interessados pela Educação Infantil. Segundo o art. 29 da Lei n.9394/1996 que dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Educação Infantil é a “primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”, e tem buscado garantir à criança, independente de suas características, origem ou classe social, um atendimento eminentemente pedagógico.

A Lei determina, ainda, em seu art. 4º, inciso I, que a educação básica é dever do Estado, “obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade”, contemplando da pré-escola, que é a segunda etapa da Educação Infantil, ao ensino médio. Essa determinação é referendada no art. 6º que encarrega os pais ou responsáveis legais pela matrícula das crianças a partir dos 4 (quatro) anos de idade na escola, deixando como opção das famílias a matrícula das crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos na creche, que é a primeira etapa da Educação Infantil.

A oferta da Educação Infantil é orientada pela Resolução N.05/2009, que fixa as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e estabelece que “a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”, o que significa planejar em situações e ambientes nos quais as crianças possam ter vivências reais e fantasiosas, além do contato com outras crianças, com os adultos, com os elementos da natureza e da cultura (material e imaterial).

Este interesse levou a proposição desta pesquisa exploratória sobre a compra de brinquedos para as instituições públicas de ensino, a partir das seguintes questões: Como são adquiridos os brinquedos para a Educação Infantil ofertada em Instituições Públicas do município de Campo Grande? São todos comprados? Quem é o profissional ou setor responsável pela compra e pela escolha dos brinquedos? Quais os critérios? Existem normas ou orientações?

Com o entendimento de que o brinquedo é um instrumento importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança e tem a função de suporte para as brincadeiras, esta pesquisa tem por finalidade conhecer o (s) processo (s) de aquisição de brinquedos em 2 (duas) Instituições Pública de Educação Infantil localizada no município de Campo Grande - MS. Este estudo foi desenvolvido na forma de uma pesquisa qualitativa, que apresenta como característica a ação do pesquisador em fazer uma análise qualitativa do fenômeno de forma descritiva.

De acordo com Fazenda (2000), o ato de descrever o objeto de estudo tem grande relevância no decorrer do desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Essa descrição não tem a obrigatoriedade de expor as minúcias do objeto de estudo, mas de apresentá-lo de forma clara para que o leitor consiga compreendê-lo.

Gerhardt e Silveira (2009, p.32) esclarecem:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Para atingir os objetivos propostos foram revisitadas as teorias sobre brinquedo e Educação Infantil; consultas a sites governamentais para identificação das orientações para escolha dos brinquedos a serem adquiridos com verbas públicas; consultas a sites de brinquedos e catálogos de empresas fabricantes de brinquedo; observação direta com registro em diário de bordo em evento nacional de divulgação e comercialização de produtos escolares; entrevista com diretoras de 2 (dois) Centros de Educação Infantil (CEINFs) públicos.

Para a análise e discussão dos dados utilizamos como aporte teórico, os trabalhos de Brougère (2004, 2010), Kishimoto (1990, 1998, 2002, 2011, 2012 e 2016) Bomtempo (1999), Abramovich (1995), Angotti (2007) e outros. Estes ressaltam em seus estudos a importância do brinquedo como suporte de aprendizagem e quanto o brincar, seja ele livre ou intencional, contribui para o desenvolvimento físico, intelectual e cognitivo da criança.

A apresentação dos resultados de pesquisa foi organizada em 3 (três) capítulos. O primeiro, intitulado “O Brincar na Educação Infantil”, aborda a importância do brincar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, bem como a importância do brinquedo como

suporte para o brincar. O segundo, intitulado “Os Meios do Brinquedo Chegar à Instituição de Educação Infantil”, trata das formas de aquisição do brinquedo pelas instituições de Educação Infantil. E o terceiro, intitulado “Relação CEINF e o Brinquedo”, aborda o processo da compra do brinquedo, pela instituição de Educação Infantil.

1 - O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo versa sobre a relevância atribuída ao brincar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças com idade igual ou inferior a 6 (seis) anos, visando à delimitação dos conceitos adotados ao longo da pesquisa e reconhecimento da produção bibliográfica sobre o tema.

1.1 – O BRINQUEDO

No Brasil, são atribuídos vários significados à palavra brinquedo, sendo nesta pesquisa adotada às definições de objeto ou conjuntos de objetos utilizados como suporte nas brincadeiras.

Esse objeto pode ser um carrinho ou uma boneca, mas, nas mãos de uma criança, ele pode ser qualquer coisa, tudo dependerá de sua imaginação e dos saberes que possui. É a criança quem decide, durante a brincadeira, se o carro será do bombeiro, do pai ou da padaria; se a boneca será a filhinha, a professora ou a médica.

Segundo Brougère (2010, p.13):

O brinquedo é um objeto distinto e específico, com imagem projetada em três dimensões, cuja finalidade parece vaga. Com certeza podemos dizer que a função do brinquedo é a brincadeira. Mas, desse modo, definimos um uso preciso.

Para o autor, fornecer representações é uma das funções do brinquedo. Ele representa conceitos de determinada cultura, ou seja, faz referências entre o real e o imaginário. Por isso, os fabricantes produzem objetos com características alusivas aos objetos presentes na sociedade, acrescidos de elementos remissivos da visão estereotipada de infância e da moda. Um exemplo são os inúmeros modelos de telefone de brinquedo distintos por cores, formatos, personagens, rodas, portinhas e outros.

Uma representação é algo presente no lugar de algo ausente, ou seja, o uso de uma coisa por outra. O brinquedo citado anteriormente não é um telefone, mas pode ser usado como se fosse pelos participantes da brincadeira.

Segundo Guerra (1998), os participantes da brincadeira sabem a diferença entre a coisa em si e a sua representação, e estabelecem entre eles uma espécie de acordo que valida o que pode e o que não pode ser usado naquele contexto; portanto, quem brinca não está

mentindo, está representando. Sendo assim, se eu não tiver um telefone posso usar uma caixa de remédio ou um pedaço de madeira, que na brincadeira seguinte pode ser usado como um muro ou um carrinho.

A brincadeira não é só a relação da criança com o brinquedo; as brincadeiras podem ser feitas sem o uso do objeto brinquedo, usando palavras, gestos, da própria criança ou de um adulto próximo. A brincadeira é uma conduta organizada e aprendida na relação com o outro, ouvindo, observando e participando.

Brougère (2004, p.267) expõe que,

Não existe uma decodificação absoluta do brinquedo, ele é sempre lido em função do contexto que participa da produção da ação e do sentido que participa da produção da ação e do sentido, ligado a um aqui e agora, variável todas as vezes.

Dessa forma, não existe um significado único para o brinquedo; é a criança que escolhe o que é brinquedo ou não, é ela que decide se determinado objeto exerce a função de brinquedo naquele momento. Na perspectiva de Brougère (2010), o brinquedo é tudo aquilo que dá suporte à brincadeira, independente da sua forma, ele pode ser manufaturado, artesanal, ou até mesmo aqueles objetos produzidos pela própria pessoa que brinca, como por exemplo, quando a criança pega uma folha de papel e sai brincando com a folha, fazendo dela um avião.

Brincar é a forma da criança se relacionar com o mundo dos objetos, de compreender a relação de posse do objeto, de compreender o mundo ao seu redor, de reproduzir cenas do mundo dos adultos na medida em que, “[...] o brinquedo é uma possibilidade de se relacionar com o mundo dos objetos, [...]” (BROUGÈRE, 2004, p.252).

A magia do faz de conta é alimentada pelo brinquedo, que, nas palavras de Kishimoto (2011, p.20):

[...] coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.

Nesse sentido, o brinquedo propicia condições para que a criança consiga representar cenas do cotidiano adulto, sejam de ordem da natureza ou fantasiosas como o caso

dos super-heróis. Graças à capacidade de representação, a criança consegue entrar e sair do mundo de faz de conta, compreender o ordenamento dos fatos, associando o real ao lúdico.

De acordo com Oliveira (1984), o brinquedo (objeto) permite que a criança utilize sua criatividade, sua imaginação para externar suas emoções, para fantasiar e criar um mundo de faz de conta. O brinquedo pode ser de cunho pedagógico (blocos lógicos, jogos de encaixe, quebra cabeça, jogo da memória, e outros), ou não; pode ser artesanal (confeccionado por um familiar, amigo ou por um artesão) ou industrializado (fabricados em grande escala), porém, só terá função social dentro do contexto da brincadeira.

Kishimoto (1990) chama atenção para outro fato importante que ocorreu durante o século XIX, o crescimento da produção de brinquedos industrializados. Com o aumento populacional e a divulgação de propagandas de brinquedos pela mídia da época, a utilização de jogos e brinquedos nas escolas, as indústrias veem no brinquedo um mercado em potencial, assunto que trataremos mais adiante em nossa pesquisa.

1.2 – BRINQUEDO E EDUCAÇÃO

A importância do brinquedo na educação das crianças vem de muitos séculos atrás, com autores como Platão, Montessori e Froebel já abordavam essa temática. Segundo Kishimoto (1990), a partir do século XVIII os jogos educativos ganham mais força e presença perante a população, pois nesse período, os estudiosos assumem a relevância dos sentidos e das imagens para um melhor desenvolvimento da aprendizagem.

Há um avanço na concepção da infância no campo educativo, com a publicação da obra de cunho pedagógico “Emílio, ou da educação” de Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), com a indicação de jogos coletivos para a formação do cidadão ideal, robusto, ágil, fraterno, competitivo e seguidor das regras. Jogando a criança aprende viver com julgamento e aprovação do outro, o que valorizado pelo autor na vivência em sociedade (BOTO, 2011).

Após a Revolução Francesa, no século XIX, o campo educacional começa a sofrer mudanças pedagógicas decorrentes das influências de estudiosos como Pestalozzi (1746-1827) e Froebel (1782-1852). O brinquedo assume o papel de suporte para a aprendizagem, como uma ponte entre o brincar e o desenvolvimento intelectual da criança (KISHIMOTO, 1990).

Para o criador do Jardim de Infância, Froebel, por meio da educação o homem também tinha acesso a Deus e ao conhecimento. Para ele, a educação nos primeiros anos de

idade tinha que ser protetora e não contundente, pois para se desenvolver o homem precisava de liberdade, (KISHIMOTO, 1990).

Assim sendo, o brincar passa a ser considerado como um dos mecanismos para o aprendizado, tanto em casa quanto no Jardim de Infância. O autor considera o brinquedo como atividade espontânea, em que a sequência das ações é compreendida pela criança, diferente do jogo entendido como objeto e ação de brincar. O jogar, seguindo as regras, interfere diretamente na formação cognitiva, social e moral da criança.

Segundo Kishimoto (1990, p. 42), é Froebel quem insere o jogo na Educação Infantil:

[...] história da educação pré-escolar. Partindo do pressuposto de que, manipulando e brincando com os **materiais como bola**¹, cubo e cilindro, montando e desmontando cubos, a criança estabelece relações matemáticas e adquire noções primárias de física e metafísica. Aliando a utilização de materiais educativos, que domina dons, ao canto a às ocupações manuais (recorte, colagem, tecelagem, dobradura etc.), o pai das atuais caixas de construção elabora uma proposta curricular para a pré-escola que contém, em seu bojo, a relevância do brinquedo.

No Jardim de Infância, a criança brinca com os **dons** (sólidos geométricos) para dominar as formas de manipulação. Depois, explora as possibilidades de emprego do material sob orientação da **jardineira** (professora), essas atividades são chamadas de **ocupações**. Brincando, a criança cria, sente e pensa, portanto, a brincadeira é de grande relevância para o desenvolvimento intelectual e físico da criança (KISHIMOTO, 1996).

Durante os primeiros anos do século XIX, há um avanço nas pesquisas que abordam a importância do brincar dentro do contexto educacional e da psicologia. À frente dessas pesquisas estavam Piaget (1896-1980) e Vigotsky (1896-1934).

Na visão piagetiana a inteligência na criança se desenvolve do mesmo modo que ocorre o desenvolvimento biológico, conforme a criança vai interagindo e se adaptando com o meio, o seu intelecto se desenvolve.

Para Piaget (2003), existem quatro estágios do desenvolvimento intelectual do indivíduo, que são: sensório motor (0 a 2 anos) - anterior ao surgimento da fala, no qual a ação é exploratória, motivada pelo prazer; surgem os esquemas imitativos e o jogo de exercício sensório motor; pré-operacional (2 a 7 anos) – marcado pela representação, ou seja, pela apresentação um objeto por meio de um substituto, surgem a linguagem oral, o desenho e as brincadeiras de faz de conta ou jogo simbólico; operações concretas (7 a 11 anos) – crescente desenvolvimento lógico, declínio do egocentrismo e estruturação da razão,

¹ Grifo do autor.

consegue compreender que o outro tem pensamentos, sentimentos e necessidades diferentes dela, participa de jogos com regras; operações formais (11 a 15 anos) – consegue lidar com os conceitos abstratos e hipóteses, criticar os sistemas sociais, sugerir novas condutas, os jogos com regra ficam mais complexos.

Portanto, dos 2 (dois) anos até os 7 (sete) anos, é a fase que a mesma aprende a fazer associações simbólicas. Neste período da infância, as brincadeiras de faz de conta são organizadas por narrativas de situações cotidianas, ajudando na compreensão destas.

Para Vygostsky (1991), é a imaginação que define a brincadeira. Assim o faz de contas pertence a uma ação imaginária da criança, logo, o brincar é compreendido como ação, como atividade, que favorece a criação de zona de desenvolvimento proximal.

Isto é, durante o brincar, a criança consegue vivenciar situações que não poderia realizar sozinha, ela ensaia todas as etapas de algo que só poderá realizar sozinha no futuro, como por exemplo, quando brinca que está costurando ou fazendo um bolo de terra.

Para o autor, o professor é um mediador entre a criança e o mundo, ele deve trabalhar na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, entre o desenvolvimento real (o conhecimento que a criança já tem) e o desenvolvimento potencial (conhecimento a ser adquirido) promovendo a aprendizagem. O jogo, na perspectiva de Vygostsky, estimula o raciocínio, contribui com a integração social das crianças e as trocas culturais.

Ainda no século XIX, o médico belga Ovídio Decroly (1871 – 1932) ganha destaque no campo educacional por elaborar materiais para se trabalhar com crianças com “deficiência mental”². Para o autor, o jogo desenvolve o papel de preparação para a atividade séria, a formação da intelectualidade na criança (KISHIMOTO, 1990).

Outro destaque é a médica italiana Maria Montessori (1870 – 1952) que defende que a criança como um ser livre, “um explorador, um pequeno cientista a observar e desvendar o mundo” (ANGOTTI, 2007, p.107), um desbravador que quer descobrir tudo que está ao seu redor e precisa de autonomia para ser desenvolver.

A autora, que inicia seus trabalhos com pessoas “com doença mental e com deficiência mental”³ em um hospital, cria materiais e métodos para educá-los. Diante do êxito, Montessori cria a Casa da Criança, um espaço muito semelhante a uma casa, com móveis e objetos em tamanhos adequados a criança. Embora, seja reconhecida pelos materiais criados para ensinar as propriedades físicas do objeto, habilidades motoras e raciocínio, e pelos

² Expressão adotada na época.

³ Expressões adotadas na época.

objetos da casinha, eles não foram criados como brinquedo para diversão. Angotti (2007, p.109) afirma que, Montessori,

[...] propôs que o material deveria ser utilizado de maneira educativa para que, assim, pudesse promover o desenvolvimento cognitivo, sensório – motor, entre outros. Antes disso, os jogos e os brinquedos eram considerados algo inferior na vida da criança, como sendo propositores de uma atividade ociosa, à qual se recorria na falta de algo melhor para se fazer. Eram atividades consideradas de pouco proveito para o desenvolvimento infantil.

Montessori acredita que, para se trabalhar com crianças, é preciso pensar em objetos que favorecem o desenvolvimento da criança. Dessa forma, a escolha do brinquedo pela professora deve ser motivada pelo potencial educativo do objeto. Cabe à professora a função de conduzir e orientar os trabalhos, atuando por meio de uma educação indireta.

Esses teóricos ressaltam a importância do brinquedo na composição do ambiente educativo, para o desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças.

Os estudos dos educadores como Montessori, Froebel, Decroly trazem a importância do uso do brinquedo como suporte e das brincadeiras como agentes facilitadores do processo de aprendizagem, entretanto, o educador tem papel fundamental neste processo, agindo como interventor quando necessário no ato da brincadeira.

De acordo com Maluf (2014), nas situações lúdicas a criança se expressa, assimila conhecimentos, inventa sua existência conforme sua vontade e imaginação.

Segundo Bomtempo (1999), o brincar colabora para o desenvolvimento cognitivo da criança, contribuindo no processo da criança aprender a pensar. Quando se insere o brincar no contexto escolar, seja na Educação Infantil ou nos anos iniciais da Educação Infantil, a aprendizagem ocorre de forma mais leve e mais atrativa para a criança.

De acordo com Bomtempo (1999), o professor por meio da observação do brincar das crianças, pode intervir neste, selecionando o que é permitido ou não durante aquele brincar, quais os objetos e materiais contribuem para o desenrolar do processo de aprendizagem da criança, qual o espaço será mais adequado para que ocorra a brincadeira, determinar se a brincadeira será em grupo, com quantos integrantes, ou será individual.

Saracho (1991, apud BOMTEMPO, 1999⁴) afirma que o professor pode intervir por meio de duas formas no brincar das crianças: de forma participativa ou dirigida. A forma participativa diz respeito à ação do professor que visa a uma aprendizagem acidental, ou seja,

⁴ SARACHO, O. N. (1991). Educational play in early childhood education. *Early Child Development and Care*, vol. 66, 25-64.

durante o brincar surge um problema e o professor auxilia na solução deste, levando as crianças a usarem a imaginação. Pode se citar como exemplo aqueles brinquedos que para serem colocados em funcionamento precisam de uma determinada ação do brincante, como o acionamento de uma alavanca ou o puxão em um cordão.

A intervenção dirigida é quando o professor se utiliza do jogo para a transmissão de conteúdo do currículo, nesse caso, o professor intervém de forma direta, fazendo pergunta sobre a ação da criança no brincar. Em todas as intervenções o professor deve ter o cuidado para não ferir a imaginação criança. Na educação infantil podem ser usadas brincadeiras de construção, faz de conta, locomoção, jogos em grupo e jogos motores como correr, pular, pular corda, realizar individualmente, em pequenos grupos ou entre a turma.

1.3 - EDUCAÇÃO INFANTIL DE QUALIDADE

A Resolução n.5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DCNEI), assegura a criança o direito a uma educação infantil de qualidade e concebendo seu currículo no Art.3º, como:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009).

Nota-se que a proposta deve ter o foco na criança respeitando sua cultura e assegurando seu acesso a outros conhecimentos. Deve conciliar o cuidar e o educar, e propiciar situações, nas quais a criança “[...] brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, Art. 4º).

A Resolução defende que a criança deve ser respeitada em todas as suas peculiaridades, e que as instituições que ofertam Educação Infantil devem oferecer condições necessárias para o total desenvolvimento da criança. Considera a criança como centro do processo educativo, como protagonista de sua própria educação, respeitando sua cultura e seus direitos de cidadã.

O espaço físico, o tempo, os objetos, os profissionais e os agrupamentos infantis da instituição de educação infantil devem ser pensados de forma a garantir o desenvolvimento e experiências de aprendizagens da criança.

Dessa forma, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL, 2009).

Coaduna-se com essas reflexões Goldschmied e Jackson (2006), que ressaltam que as instituições de Educação Infantil são lugares para viver, trabalhar e brincar e esses espaços devem ser confortáveis e agradáveis tanto para as crianças que frequentam, quanto para os adultos que ali trabalham.

A estrutura dessas instituições deve ser pensada e planejada para atender a criança da melhor forma, por isso a necessidade desses espaços ter ambientes internos e externos adequados para atender cada grupo de criança e ofertar diferentes atividades.

De acordo com o DCNEI (BRASIL, 2009), a instituição de Educação Infantil deve oferecer espaços de trabalho coletivo, internos e externos, que permitam o deslocamento e a prática de movimentos amplos. Esses espaços devem oferecer acessibilidade, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2009), ofertando condições de aprendizagem a todas às crianças matriculadas independente de suas particularidades, embora, essa seja uma questão relacionada aos direitos humanos e que merece ser amplamente discutida pela sociedade, ela não será aprofundada nesta pesquisa.

Os lugares que atendem as crianças devem oferecer ambientes propícios para cada faixa etária. Por exemplo, crianças de 0 a 2 anos requer um ambiente mais acolhedor, mais familiar e amplo, para facilitar a movimentação dos adultos e das crianças que estão na fase de engatinhar (KISHIMOTO, FREYBERGER, 2012). Como são muitos pequenos e ainda necessitam do cuidado do adulto o tempo todo, é necessário que as salas em que eles ficam sejam amplas, munidas de brinquedos para a primeira infância, como bichinhos de pelúcias, chocalhos e outros.

Para cada faixa etária das crianças é pensado num espaço de acordo com suas especificidades. Para os bebês, a sala deve oferecer uma combinação de amplitude com intimidade e tranquilidade, permitindo os movimentos livres. Já para os maiores de 2 (dois), que já se locomovem sozinhos é preciso oferecer espaços livres, ter mobiliário proporcional ao tamanho das crianças (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006; ABRAMOWICH, WAJSKOP, 1995).

Para as autoras Abramowich e Wajskop (1995), todo espaço físico é território cultural, portanto a arrumação e organização deste deve ocorrer de forma a permitir e propiciar à criança o máximo de atividades que estimulem a sua autonomia, sua criatividade e percepções da sua cultura. Visto que o brincar pode ocorrer de forma individual ou em grupo, é por meio das brincadeiras que as crianças interagem com o ambiente, com os materiais, com os brinquedos, com os adultos e com outras crianças, por isso elas necessitam de espaço, portanto as instituições devem ofertar materiais como brinquedos e mobília de acordo com a faixa etária de seu público.

Esses espaços devem ser munidos e vários tipos de materiais, oportunizar as crianças não só com brinquedos de plásticos, mas brinquedos artesanais (boneca de pano, peteca de tecido e pena, carrinhos de madeiras), brinquedos com conteúdo diferentes.

Como as crianças permanecem muitas horas dentro das Instituições de Educação Infantil, em torno de 4 (quatro) horas por dia, esse tempo é preenchido com as atividades pedagógicas, sendo que algumas se repetem diariamente.

Atividade pedagógica é toda atividade proposta pelo professor para a criança, durante o tempo em que ela permanece na instituição. Cabe ao educador o papel de preparar condições favoráveis para a aprendizagem e para a socialização das crianças, além de estabelecer uma rotina para elas.

Barbosa (2006) define a rotina como categoria pedagógica, estruturada pelas pessoas que trabalham nas instituições educativas para organizar a dinâmica de trabalho diário, como em qualquer ambiente de trabalho onde os profissionais seguem uma rotina com horário para entrar, sair, almoçar e outras atividades que preenchem a jornada. No entanto, a autora alerta para o risco da preocupação com organização se sobrepor à preocupação com o processo educativo, tornando as atividades monótonas, repetitivas e com pouca significação.

Para Barbosa (2006), a importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de construir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado.

A rotina é fundamental para os profissionais na organização do trabalho, dos espaços e tempos e para as crianças que tomam ciência do que vem antes e depois. A rotina pode ser usada na avaliação das concepções adotadas na instituição e no enriquecimento de atividades executadas diariamente como a alimentação e o banho.

Considerando a conquista gradativa da autonomia da criança, sua adaptação à instituição e as experiências de aprendizagens propostas, a rotina não pode ser prefixada, engessada. A rotina precisa ser periodicamente avaliada e replanejada na totalidade ou com

alterações esporádicas, o que implica uma reflexão sobre as habilidades e necessidades da criança, as atividades, os recursos necessários e as metas estabelecidas na proposta pedagógica.

Na perspectiva de Goldschmied e Jackson (2006), o professor tem a função de organizar o espaço com materiais que favoreçam o brincar. A criança tem que ter opções de materiais para realizar suas experiências pessoais. Nesse sentido, o adulto assume o papel de facilitador do brincar, uma vez que foi ele que pensou em quais materiais deixar ao alcance das crianças.

Conclui-se a elevação da qualidade da Educação Infantil depende de diversos fatores, principalmente da organização e dos materiais que compõem o ambiente, os brinquedos devem estar sempre ao alcance das crianças. Ressaltamos também a importância do brinquedo no desenvolvimento das crianças. O brinquedo tem a função de suporte da brincadeira, ele permite que as crianças entrem e saiam do mundo de faz de conta.

2 - OS MEIOS DE O BRINQUEDO CHEGAR À INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo trataremos do brinquedo na instituição de Educação Infantil, de como o brinquedo industrializado chega às crianças da Educação Infantil, sobre a classificação do brinquedo e como as indústrias de brinquedo apresentam os modelos nos catálogos.

Kishimoto (2012) afirma que, na instituição pública existem três maneiras para o brinquedo chegar à educação infantil: por meio de doação, compra governamental e/ou por meio da compra direta da instituição.

Quando é por doação, os gestores das instituições recebem os brinquedos, fazem a análise do estado destes, se estão quebrados ou não, se são possíveis de conserto e só depois é feita a divisão para as salas, respeitando a faixa etária de cada turma.

O problema é que muitos chegam sem embalagem, o que impossibilita o acesso às informações técnicas, tal como tipo de tinta, composição, faixa etária e selo do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO), autarquia federal que verifica a observância das normas técnicas e legais atestando a qualidade dos produtos.

Quando a aquisição é por meio de compra governamental, são materiais oriundos de algum plano de política educacional municipal, estadual ou federal. Dessa forma, de obtenção não privilegia as particularidades de cada instituição de Educação Infantil.

Quando é a própria instituição que faz a compra, esta pode escolher os materiais de acordo com as características da criança, a proposta pedagógica, as carências da instituição, a segurança, conteúdo e vida útil de cada brinquedo.

2.1 – CLASSIFICAÇÃO DOS BRINQUEDOS

Os brinquedos têm dois tipos, podem ser artesanais ou industrializados. Os artesanais são aqueles feitos de pano, madeira, papel e outros, por um artesão, uma pessoa da família ou outra pessoa, podem ser produzidos em séries ou peça única.

Segundo Oliveira (1984, p.14),

Os brinquedos artesanais sempre terão espaço muito importante na formação social das pessoas. São insubstituíveis justamente porque concebidos e realizados na sua totalidade por homens (não por máquinas), no ritmo

humano, como produto da habilidade manual, da fantasia e da capacidade criadora de cada um.

Carrinhos de rolimã, bonecas de pano, casinhas de madeiras, balões, pipas (ou papagaios), bonecos e bichos feitos com trapos e enchimentos [...].

Mesmo na sociedade atual, onde a tecnologia ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, o brinquedo artesanal ainda se faz presente na infância de muitas crianças. Para Oliveira (1984), o brinquedo artesanal permite restauração da cultura por parte dos artesãos, pois quem produz o brinquedo não só relembra o passado como também retrata aspectos da sociedade atual. OLIVEIRA (1984, p.21), revela que,

Quando se fala de artesãos de brinquedos, refere-se a homens, jovens e crianças de *hoje*⁵, gente que no seu cotidiano constrói ou ajuda a construir a produção cultural. Gente que consome e que produz, que assimila, mas também inova, que reitera, mas que igualmente questiona o real. Gente inconformada com a subordinação e a uniformização da cultura às formas consagradas da arte ou da ciência.

O brinquedo é um objeto carregado de simbolismo. A produção de um brinquedo requer habilidades, conhecimento e planejamento, com levantamento dos materiais a serem utilizados.

Os brinquedos industrializados são produzidos em fábricas e em grande escala, podem ser feitos de plástico, pano, metal, madeira, eletrônico e outros. De acordo com Oliveira (1984), o brinquedo industrializado foi o causador da artificialização da brincadeira na sociedade moderna, muitas crianças têm acesso a esse tipo de brinquedo, cuja margem de preço e qualidade é bastante variável.

Com a evolução da indústria de brinquedos, o mercado infantil cresceu de forma substancial, gerando concorrência entre os fabricantes e consumidores cada vez mais exigentes. Para atingir os consumidores as empresas investem na diversificação dos produtos, na produção do brinquedo e de seus acessórios, e em propagandas voltadas para o público infantil; são anúncios de bonecas, carrinhos, objetos com personagens “da moda”.

A propaganda é tanta, que a posse de determinado brinquedo se torna sinônimo de status social. Portanto, “ter” um brinquedo da moda é mais importante do que o prazer proporcionado pela brincadeira.

Para proteger os consumidores infantis, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) da Secretaria de Direitos Humanos publicou a

⁵ Grifo do autor.

Resolução n. 163, em 13 de março de 2014, que dispõe sobre a Abusividade do Direcionamento de Publicidade e de Comunicação Mercadológica à Criança e ao Adolescente, com princípios a serem seguidos pelos anunciantes e publicitários.

Merece destaque o princípio, apresentado inciso V do Art. 3º, de “não induzir, mesmo implicitamente, sentimento de inferioridade no adolescente, caso este não consuma determinado produto ou serviço”.

Vale ressaltar que numa sociedade industrializada e tecnológica como a nossa, as informações circulam rapidamente por diferentes meios de comunicação, o que dificulta a filtragem das informações que chegam à criança, que nasceu na era digital e vive “conectada”.

Muitas, desde bem pequenas, são expostas a várias horas em frente à televisão, computador ou celular assistindo a programas que direta ou indiretamente apresentam as novas produções industriais.

As indústrias investem cada vez mais em produtos tecnológicos para elas, como brinquedos, jogos eletrônicos, tablets, programas de computadores e outros. No entanto, não entraremos neste mérito, uma vez que esse não é o foco da nossa pesquisa.

Kishimoto (2011 p.163) chama a atenção para a mídia, como parte das relações sociais das crianças, pois:

Ao relacionarem-se com as formas e os conteúdos de desenhos animados, programas infantis, comerciais, novelas da TV, por exemplo, e com as pessoas presentes na sua vida familiar, escolar etc., as crianças mostram-se como sujeitos ativos e interativos. Enquanto participantes dessas inter-relações, recebem influências de diversas qualidades e níveis para viverem no mundo contemporâneo, mas também, e à sua maneira produzem suas influências infantis ao elaborar, recriar, expressar suas emoções, ideias, histórias junto a seus familiares, colegas, professores, com significados encontrados em programas assistidos pela TV.

Neste contexto, a tecnologia tem entrado nas instituições educativas como ferramenta de ensino-aprendizagem. Os educadores estão se adequando a essa nova realidade. Outra ferramenta adotada na educação é o brinquedo educativo ou pedagógico.

São aqueles objetos ou conjunto de objetos fabricados com o intuito de ensinar ou fixar, de forma lúdica, habilidades, conhecimentos e valores previstos na proposta pedagógica de determinado nível de ensino e/ou faixa etária, como por exemplo, os blocos de encaixe, os quebra-cabeças, nos quais a criança tem que pensar como encaixar cada peça.

Os brinquedos pedagógicos são objetos que permitem a criança à construção do saber, estimulando o imaginário da criança (KISHIMOTO, 2011). Para a criança utilizar este

tipo de brinquedo ela precisa do auxílio do adulto, para demonstrar como se brinca com este o adulto falará quais as regras para a brincadeira.

De acordo Saracho (1991, apud BOMTEMPO, 1999), existem dois tipos de intervenção no brincar dentro da instituição educativa. Pode ser **participativa**, quando o professor interage visando a uma aprendizagem incidental durante a brincadeira, ou **dirigida** que é quando o professor usa a brincadeira para a aprendizagem de conteúdo de currículo. Nos dois tipos de intercessão o educador não deve interromper a criatividade da criança, apenas orientá-la.

Para Bomtempo (1990), os brinquedos podem ser classificados em três grupos, os **estruturados, semiestruturados e não estruturados**.

Os brinquedos **não estruturados** são aqueles que não vêm pronto, ou seja, são objetos que levam a criança a produzir uma função para ele; esses objetos podem ser caixas, potes, tampas. São brinquedos que estimulam o desenvolvimento intelectual da criança.

Os brinquedos **estruturados** são aqueles que permitem um uso específico, não oferece um maior desenvolvimento da imaginação da criança. Esses objetos têm funções específicas, deixando pouco para a imaginação da criança, como exemplo desse tipo de brinquedos: quebra-cabeça, dominó, entre outros.

E os brinquedos **semiestruturados** são aqueles que, apesar de ter uma função definida pelo fabricante, permitem que a criança desenvolva outras habilidades, brinque de outra forma, como exemplo bola, “lego”, cubo de encaixe e outros.

Existem outras propostas de classificação de brinquedos, cujos autores utilizaram diferentes critérios. A maioria das classificações foi pensada para os locais de armazenamento e guarda dos brinquedos, a serem utilizados por diferentes usuários, como ocorre nos livros e nas bibliotecas.

No Brasil algumas instituições educativas guardam a maior parte de seu acervo de seus brinquedos em brinquedotecas, que são espaços criados e organizados para despertar nas crianças o desejo de brincar, propiciando o contato da criança com uma maior variedade de brinquedos, em um determinado espaço, criando um ambiente lúdico, que permita a criança tocar, explorar, sentir e desenvolver sua imaginação (FRIEDMAM, 1998).

Na perspectiva de Atzingen (2001), o brinquedo pode ser agrupado em sete categorias: brinquedos para a primeira idade, brinquedo para atividades físicas, para atividades intelectuais, brinquedos que reproduzem o mundo técnico, brinquedos para o desenvolvimento afetivo, brinquedos para atividades criativas e brinquedos para as relações sociais.

Nesse sistema o brinquedo é ordenado de acordo com as habilidades que este promove na criança. Geralmente encontramos esse tipo de classificação nos catálogos dos fabricantes de brinquedos, que será nosso próximo assunto.

De acordo com Kobayashi (2009), a organização dos brinquedos pelo método de Classificação dos Objetos Lúdicos (C.O.L.) é baseada na teoria de Piaget que são: símbolo, exercícios, regras e construção. Dessa forma, os brinquedos são acomodados da seguinte maneira:

Brinquedos para jogos e exercícios – nesta categoria ficam os brinquedos que permitem trabalhar com atividades sensoriais e motoras, como brinquedos de encaixe tapete sensoriais.

Brinquedos para jogos simbólicos – nesta categoria ficam os brinquedos que possibilitam os exercícios de representações, contribuindo para a criança compreender a realidade, como os objetos e papéis, acessórios para atividades de faz de conta.

Jogos de acoplagem – ficam os jogos que quando juntos formam um novo elemento, como os jogos de construção, encadeamento, experimentação.

Jogos de regras – nesta categoria entram os objetos que necessitam do coletivo para a sua realização, como dominó, jogos de memórias.

De acordo com Guerra (1998), a escolha do brinquedo permite ao adulto oferecer a criança um objeto que venha a atender suas necessidades típicas e especiais. Essas formas de classificação dos brinquedos contribuem para a escolha destes no ambiente escolar, facilitando o trabalho dos educadores.

Quando se pensa em comprar um brinquedo para a criança, é preciso observar algumas informações: faixa etária da criança que vai manipulá-lo; as habilidades intelectuais, físicas e sociais que o brinquedo permite que a criança desenvolva, a classificação do brinquedo e forma de utilização.

2.2 – AS INDÚSTRIAS DE BRINQUEDOS

Neste tópico trataremos dos fabricantes de brinquedos, como são organizados os catálogos e as orientações do INMETRO em relação ao brinquedo.

2.2.1 – Certificação de Brinquedos Fabricados e/ou Comercializados no País

Com o intuito de preservar a saúde e a integridade física dos consumidores de brinquedos industrializados, especialmente criança e adolescente em situação de brincadeira, o INMETRO avalia e certifica os brinquedos fabricados e/ou comercializados no País. A Portaria INMETRO n.177, de 30 de novembro de 1998, institui que os brinquedos certificados levem na embalagem o selo de conformidade. A presença do selo indica que o produto atende a requisitos mínimos de segurança.

Segundo o INMETRO (2017),

Os brinquedos não devem ter pontas ou extremidades cortantes e partes ou peças pequenas que possam se desprender com facilidade e provocar acidentes. Também não podem ser fabricados ou pintados com material tóxico, uma vez que as crianças costumam desmontá-los, colocando-os, geralmente, na boca, no nariz e nos ouvidos, aumentando a probabilidade de riscos de asfixia, inalação ou intoxicação por via oral, o que pode transformar os brinquedos em verdadeiras armadilhas se não forem bem projetados para a faixa etária a qual se destinam.

2.2.2 – Feiras e Catálogos de Brinquedos

No mercado brasileiro existe uma infinidade de indústrias e juntas promovem feiras para apresentar seus produtos aos compradores dos setores de papelaria, mercado e atacadistas, função exercida por mim nos últimos anos.

Destaca-se que é a Feira Brasileira de Brinquedos – ABRIN, realizada em São Paulo – SP no mês de abril. Considerada a maior feira de brinquedos da América Latina, reuniu neste ano, aproximadamente 130 (cento e trinta) expositores e compradores de todo o território brasileiro.

A feira é organizada de forma a evidenciar os lançamentos, especialmente os brinquedos com personagens que estão no topo da preferência infantil. As indústrias decoram seus stands com bonecos gigantes dos personagens, que também circulam pela feira, chamando atenção do público.

Eventos desse porte dão oportunidade aos compradores do setor de papelaria conhecer os lançamentos de brinquedos, receber catálogos, tirar dúvidas e realizar grandes negócios.

A **Revista da Papelaria** (2017) afirma que na feira Abrin deste ano os brinquedos em alta eram os tecnológicos. Os fabricantes lançaram vários brinquedos que proporcionam a criança interagir com o mundo virtual. Ainda de acordo com a revista, esse segmento de brinquedos já ocupa 40% (quarenta por cento) da produção nacional desse produto.

Esses dados evidenciam que o brinquedo, seja ele de cunho educativo ou não, representa um setor em ascensão no mercado brasileiro. Além das inúmeras indústrias especializadas no ramo, outros fabricantes do segmento de papelaria estão adentrando neste ramo.

A maioria dos catálogos e sites de fornecedores é organizada de forma a facilitar o comprador, a identificar o produto que procura; traz os modelos de acordo com a faixa etária. Começa sempre com os brinquedos para a primeira infância de 0 (zero) a (dois) anos.

Fabricantes como Elka trazem em seu site a seguinte organização: primeira infância; bebê e puericultura; faz de conta; escolar; blocos de montar; jogos; personagens; idade ou gênero (feminino e masculino). A fabricante Ciabrinq organiza seu site pela faixa etária e apresenta uma seção de lançamentos.

Nota-se que esses fabricantes oferecem modelos de brinquedos similares mudando apenas alguns detalhes, e que não há grande diferença dos modelos de brinquedo de um ano para o outro.

2.3 – O PROCESSO DE COMPRA

O foco da nossa pesquisa é compreender a forma como o brinquedo, seja ele educativo ou pedagógico, chega até os Centros de Educação Infantil. Vale ressaltar que é sabido que esses espaços têm uma diversidade de brinquedos.

Para fazer tal aquisição é necessário considerar alguns critérios como a segurança, a faixa etária, tanto para o uso em casa como para o uso nas instituições (KISHIMOTO, 2010).

Kishimoto e Freyberger (2012, p.140) advertem que:

Os brinquedos não podem ser comprados sem uso de critérios claros, que atendam às necessidades da educação das crianças. As instituições não podem, também, receber doações de brinquedos, sem antes verificar a adequação destes, uma vez que podem oferecer riscos à saúde das crianças ou serem inadequados ao uso coletivo.

A escolha dos materiais utilizados pelas crianças nas instituições de educação infantil deve ser feita pela equipe pedagógica respeitando a faixa etária das crianças e as necessidades de cada criança. A mesma cautela é necessária na avaliação e seleção dos brinquedos obtidos.

Além de observar se há o selo do INMETRO, é necessário considerar uma variedade de fatores: adequação à criança, segurança, durabilidade, oportunidades para brincar que propiciam diversidade dos usos, diversidades de materiais, se são atraentes, se atendem à diversidade racial sem preconceitos de gênero, classe social e etnia, se não estimulam a violência, se são brinquedos tecnológicos, artesanais e/ou produzidos pelas crianças, professores e pais, além de atender à quantidade de crianças do agrupamento (KISHIMOTO, FREYBERGER, 2012).

Todo esse cuidado se faz necessário na escolha do modelo e na hora da compra do brinquedo, visando sempre à segurança das crianças. Um brinquedo que tem peças pequenas não pode ser manuseado por crianças muito pequenas, que podem colocá-las na boca, ouvido ou nariz, mas pode ser destinado ao grupo de crianças maiores.

O Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) orientam a compra de brinquedos disponibilizando para as instituições uma lista de brinquedos avaliados, que pode ser acessada por meio do pregão eletrônico n.32/2012. No parecer técnico da Coordenação de Educação Infantil (COEDI) 309/2012, as instituições encontram uma relação de sugestão de brinquedos para se ter nos espaços que atendem a educação infantil.

A Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (ABRINQ) também divulga em seu site um guia de brinquedos para se trabalhar nas instituições. Esse guia tem a finalidade de auxiliar os profissionais em tal aquisição, oferecendo informações sobre a classificação, faixa etária e as habilidades que o brinquedo desenvolve na criança.

Para a compra dos brinquedos, geralmente as instituições de Educação Infantil utilizam os recursos oriundos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), recursos da Prefeitura e recursos próprios. O PDDE (BRASIL, 1995) é um programa do Governo Federal, que destina recursos financeiros para as escolas públicas que ofertam a educação básica. A verba do PDDE é para ajudar as instituições com as despesas de manutenção do prédio, compra de materiais didáticos e pedagógicos. Os repasses são feitos 2 (duas) vezes ao ano para a instituição. O município destina uma verba para as instituições de Educação Pública, em 4 (quatro) parcelas ao ano, para contribuir com as despesas.

Para a utilização desses recursos, a instituição deve prestar contas de como e onde gastou o dinheiro. São apresentados 3 (três) orçamentos por cada compra de material, dos quais a instituição opta pelo menor preço com qualidade dos produtos. A partir destes dados levantados, concluímos que, independente da fonte, a compra de brinquedo deve ser pautada no benefício e nos custos, ou qualidade e preço.

3 - RELAÇÃO ENTRE CEINF E BRINQUEDO

Este último capítulo trata da compra de brinquedos para duas instituições de Educação Infantil Pública, localizadas no município de Campo Grande MS. Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas (2) diretoras, identificadas nesta pesquisa como “Diretora Maria” do CEINF A e “Diretora Ana” do CEINF B, preservando assim, os nomes das professoras e instituições.

Registra-se que a escolha das gestoras foi aleatória e a participação foi voluntária. A entrevista foi previamente agendada e ambas assinaram termo de livre consentimento esclarecido, no qual firmamos o compromisso de manter o anonimato destas e de tratar os dados com respeito e ética. Por segurança, das informantes e da pesquisadora, as entrevistas foram gravadas, ficando uma cópia em poder da pesquisadora e outra no Laboratório Lúdico Pedagógico (LALUPE) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da Unidade Universitária de Campo Grande.

As informações obtidas foram organizadas em três categorias: compra e doação de brinquedos, critérios para a compra de brinquedos e a escolha dos modelos destes.

3.1 – A COMPRA E A DOAÇÃO DE BRINQUEDO

Em relação à aquisição dos brinquedos para as instituições, as diretoras informaram que os brinquedos são adquiridos por meio de doação da comunidade interna ou externa e/ou por meio de compra, com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) ou recursos próprios. Elas fazem compras de acordo com as necessidades e os recursos que há em caixa.

Diretora Maria relata que:

A compra de materiais para os CEINFs é determinada de acordo com a realidade local. São comprados os itens de maior necessidade no momento, considerando a quantia de dinheiro que a instituição tem em caixa. Em relação ao brinquedo, ele chega aos CEINFs por meio de compra e ou doação dos pais (brinquedos não utilizados por seu filho), avós levam livrinhos.

Diretora Ana revela que no CEINF “B”, a aquisição dos materiais acontece de forma parecida com o CEINF A, “[...] tem uma parte que é doada pelos pais, amigos, amigos

de professores, professores, recreadores (que agora é o assistente de sala) ”. E que a instituição também conta com recursos da Associação de Pais e Mestres (APM), oriundos de,

[...] alguns eventos, como festa da primavera, festa junina, festival da pizza que é para arrecadar fundos, ajudar na manutenção, na realização de pequenos reparos e compra de materiais, um deles, brinquedos. Por exemplo, na semana da criança vamos fazer uma semana recheada de programação. A gente quer alugar cama elástica, mas não temos dinheiro, então a gente pensa em ações. A gente já deixou o dinheiro da festa junina para essa semana. [...] O brinquedo grande [cama elástica], é de alugar, então já pensamos nesta questão.

A APM ajuda de forma significativa o CEINF “B”, sempre estão trabalhando em prol de arrecadação. O que é uma forma de colaborar financeiramente e com as decisões da direção, contribuindo com a manutenção e melhoria da instituição.

Nos relatos das diretoras, percebe-se que elas estão sempre trabalhando com baixos recursos financeiros. Apesar de os governos Federal e Municipal mandarem verbas, são pequenas em relação aos gastos das instituições. As instituições contam com recursos do Governo Federal e Municipal.

Diretora Ana conta que tem:

[...] uma verba do governo Federal, o PDDE que a gente tem sempre uma parte que é destinada para compra de material permanente e de consumo. A gente compra material de livraria e tal e também compra os brinquedos e materiais permanentes. Tem também o convênio que agora mudou é TERMO DE COLABORAÇÃO COM A PREFEITURA.

O PDDE, são 2 vezes ao ano. Esse ano recebemos em ..., na verdade foi depositado no fim do ano e a gente pode gastar em março. A gente tem que fazer o plano, fazer pesquisa; é quase dois mil e pouco. Agora veio a segunda parcela, o cálculo é per capita por aluno. Aqui na instituição, temos 176 alunos matriculados. A segunda parcela veio bem pouquinho, veio mil e duzentos, pouca coisa, a gente pode usar trezentos para material permanente e o restante para material de consumo. Fora isso a gente tem o termo de colaboração, que é o que a prefeitura oferece, ele vem em cinco parcelas de quatro mil, a ideia é que saísse uma parcela por bimestre, mas ele tá um pouco atrasado. A gente vem com esse processo. Esse ano ele atrasou porque mudou [o sistema], antes era convênio, agora chama termo de colaboração.

A gestão do segundo CEINF possui um pouco mais de recursos para comprar brinquedos, no entanto, a compra é feita de acordo com a necessidade, levando em conta o que realmente é necessário para o momento. A diferença de recursos entre uma instituição e outra pode ser explicada pela quantidade de crianças que cada uma atende. Conforme o DECRETO n. 12.843, de 14 de março de 2016, no qual estabeleceu a classificação tipológica das escolas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande.

Fica claro na conversa com as duas diretoras que pela vontade delas e da equipe pedagógica, a compra de brinquedos contemplaria muito modelos destes, mas seus desejos não cabem no pequeno orçamento que dispõem.

A elaboração das listas de materiais e brinquedos é feita por prioridades, ambas se esforçam para comprar produtos de qualidade.

Mesmo no caso das doações, relataram que todo o material recebido por meio de doação passa por uma vistoria, antes de ser entregue para as crianças. Nessa conferência é feita uma análise criteriosa dos brinquedos, sendo checado se estão em bom estado de uso, se não tem peças quebradas ou soltas, se precisam de reparos ou ser lavados.

Os brinquedos que não passam pelo crivo da equipe pedagógica são arrumados e depois entregues aos professores das turmas, quando o brinquedo não tem condições de uso é descartado. A divisão dos brinquedos ocorre de acordo com a necessidade da sala, da quantidade de brinquedos ofertados e faixa etária das crianças.

Podemos constatar que as informações prestadas pelas gestoras vão ao encontro das descrições de Kishimoto (2012), que todo material procedente de doação deve passar por uma análise da equipe pedagógica, para verificação se estão em condições de uso e qual a faixa etária das crianças que pode manuseá-lo.

3.2 – OS CRITÉRIOS PARA A COMPRA DE BRINQUEDOS

De acordo com as gestoras, a relação de modelos de brinquedos para a compra é elaborada por uma equipe formada pela diretora, coordenadora pedagógica e professoras, que ouvem as crianças. Como conta diretora Ana:

Na verdade, a gente tira do grupo de professores, porque elas estão nas salas de aula, estão mais próximas das crianças. A gente cria os critérios. [Hoje] Sou gestora, mas já fui professora, já fui coordenadora, a gente vê o que é necessário para aquela turma, para aquela faixa etária... A gente adotou alguns critérios, eu e a coordenadora achamos importante ter boneca e bola de pano para o berçário, então a gente vai comprar. Achamos importante ter boneca negra, às vezes não vai aparecer na lista [elaborada pelas professoras], mas a gente [direção e coordenação] incrementa esta lista. A gente ouve as meninas, educadoras e professoras e acrescenta coisas que a gente acha importante a partir do que estudamos, que é necessário para estimular a aprendizagem da criança. As crianças também apontam para nós. Às vezes a gente tem um material, e elas de repente organizam uma situação de brincadeira que não tínhamos pensado.

Entendi que a escolha dos brinquedos está pautada na construção cultural, nas habilidades estimuladas pelo objeto, e na satisfação dos interesses das crianças. Diretora e coordenadora pedagógica organizam a lista de compra, ouvindo todos os atores da instituição, adultos e crianças. A Diretora Ana ressalta a importância de se dar voz as crianças:

A gente acaba ouvindo as crianças nesse sentido, de perceber os desejos delas. Se de repente elas montam um minimercado, a gente acha importante o que elas pedem [para a brincadeira]. Às vezes a gente monta um kit de casinha, panelinha, fogão e elas estão lá com o telefone. Lógico que a gente usa muita coisa assim... de carcaça, de computador, telefone, celular e elas começam a montar um escritório, por exemplo. E se puder a gente compra a caixa registradora, um dinheiro de mentirinha, porque são coisas que elas estão apontando, isso é necessidade delas de brincar com aquilo. Se elas têm vontade de se pendurarem, então a gente tem que comprar mais corda. São coisas que a gente percebe com a vivência. Então as crianças organizam brincadeiras, que são situações que podem dizer muitas coisas para nós. Elas adoram tendas; a gente percebeu elas esticando um lençol, então a gente pensou em comprar um tecido mais colorido para deixar esta tenda mais bonita. São coisas assim que a partir das relações com as crianças, com o brincar que a gente vai coletando as informações.

Cada professora observa de perto os sinais dados pela criança de sua turma, nas brincadeiras que desenvolvem no cotidiano. Nessas ações, as professoras percebem quais os objetos que faltam e inserem na lista para a próxima oportunidade de compra. Essa prática coaduna-se com as reflexões de Bomtempo (2011) sobre a importância do brinquedo no processo de desenvolvimento da criança. É por meio do objeto que a criança consegue representar situações da vida adulta, estabelecendo relação entre o mundo real e o imaginário.

O brinquedo permite que a criança lhe atribua função e significado de acordo com a sua vontade, de acordo com a brincadeira que ela cria, dependendo do objeto, o brinquedo contribui para a socialização das crianças e também tem a função de estabelecer conceito de regras. Nesse sentido, a fala da gestora Ana corresponde com as teorias estudadas sobre a criança como consumidora e produtora de cultura, e a relevância do brinquedo como suporte no processo de aprendizagem.

3.3 - A ESCOLHA DOS MODELOS DE BRINQUEDOS

Para escolher os modelos de brinquedo, a equipe pedagógica da instituição “A” faz pesquisa de catálogo de fabricante e sites, como narra a diretora Maria:

A gente recebe catálogos. A gente pesquisa. As professoras têm acesso aos catálogos, aí a gente faz uma lista dos modelos que elas querem e vai

comprando conforme a necessidade. A necessidade não, a possibilidade. Nós temos brinquedos de 4 anos. Eu falo: se a gente cuidar do brinquedo, se a gente organizar o brinquedo, teremos brinquedo para muito tempo. [...] Tem os catálogos, e a gente vai nos sites, liga pra lá pra ver quanto que está [quanto custa], faz pesquisa de preço.

Nota-se que os modelos de brinquedos são escolhidos a partir das observações de cada professora, são elas que apontam o que está faltando e depois consultam os catálogos dos fabricantes para definir quais atendem melhor as necessidades.

A diretora da instituição “B” informa que alguns representantes comerciais das indústrias de brinquedos levam os catálogos para as educadoras,

Vixe! É o que mais tem. A gente normalmente tem representante daqui [da região] da Pais e Filhos, da Carbrink, da Ciabrink e fica apaixonada. Tem coisa que a gente quer comprar que é caro. Às vezes a gente compra. A gente queria ter uma casinha, daquelas de plásticos e tal, mas é quinhentos, seiscentos, né! A gente quer um escorregador de plástico para o berçário, para o solário, mas a gente olha esses brinquedos assim... do mais caro. Vamos adquirir um, e depois vamos adquirir outros mais em conta para todas as turmas.

A partir desses levantamentos, podemos concluir que o segundo critério para a escolha dos modelos de brinquedos é o custo, uma vez que, as entrevistadas ressaltam o fato de que fazem a compra dos materiais de acordo com os recursos financeiros que possuem.

Toda a compra é feita de acordo com a quantia de dinheiro disponível. Se o brinquedo escolhido for caro e a instituição não tiver recursos, ele não é esquecido, fica anotado para uma futura compra.

Geralmente, a compra dos brinquedos é feita nas papelarias do município, privilegiando o comércio local. Como conta diretora Maria:

Geralmente faço [compra] nas papelarias, pois direto da indústria é complicado. O PDDE geralmente dá cheque, e a gente tem que ter todo um processo de prazo. Não é licitação! [...] São sempre 3 (três) orçamentos, escolhemos sempre o mais barato. Então, é aprovado, é feita uma portaria para a liberação dessa compra. É assim que a gente adquire.

Como a gestão tem que prestar contas das despesas, as compras são feitas mediante a cotação em três estabelecimentos comerciais. Onde é aprovado o orçamento de menor valor, levando em consideração as especificações do MEC para a compra de brinquedos. Por causa da cotação de preços e da prestação de contas, é complicado para a instituição comprar brinquedos fabricados pelos artesãos locais.

Segundo as diretoras, a compra de brinquedos é planejada por toda a equipe, de modo semelhante ao descrito por Kishimoto e Freyberguer (2012, p.149),

Para selecionar brinquedos, além de observar o selo do INMETRO é necessário considerar uma variedade de fatores: adequação à criança, segurança, durabilidade, oportunidades para brincar que propiciam diversidades de usos, diversidades de materiais [...].

No Centro de Educação Infantil “B”, o processo de compra ocorre da mesma forma. São feitos três orçamentos, sendo que a cotação que apresentar produtos com qualidade e preços melhores é escolhida. Diretora Ana conta que a empresa vencedora é aquela que oferece menor preço e melhor produto: “Fazemos três orçamentos. A comissão (da APM) ajuda a julgar não só o mais barato, mas também pela qualidade”.

A diretora Ana também faz as compras de brinquedos no comércio local, porém às vezes consegue comprar direto do fabricante. Segundo ela, esse tipo de compra ocorre somente quando a indústria tem representante local. Quando a compra é realizada direto com o fabricante, ela consegue comprar os brinquedos a preço de custo da indústria, condição de compra que não consegue com as papelarias locais, pois por mais que consiga um bom desconto, os valores praticados pelas papelarias têm um acréscimo devido à margem de lucro de cada estabelecimento.

Ao serem questionadas sobre o que desejam comprar para a instituição, a diretora Maria respondeu que almeja adquirir um tapete grande, a fim de que as crianças possam brincar nele com lego grande (brinquedo de encaixe) e uma centopeia (túnel de tecido), que as “crianças adoram”.

Quando a diretora se refere ao tapete, podemos entender que ela está pensando na organização do espaço físico para as crianças, em propiciar um ambiente mais seguro e acolhedor para brincadeiras. O lego grande revela preocupação com as experiências motoras e cognitivas, além da segurança das crianças, pois peças pequenas podem causar acidente. Com o brinquedo da centopeia, ela está buscando propiciar experiências motoras e um mundo de faz de conta. Afinal, brincadeiras podem favorecer o desenvolvimento da imaginação, desenvolvimento físico e também a socialização das crianças.

Esses dados obtidos ressaltam as afirmações de Abramowich e Wajskop (1995) e Goldschimed e Jackson (2006) em relação à importância da organização do espaço físico pelo adulto, visando a propiciar às crianças o máximo de atividades que estimulem sua autonomia, imaginação e percepção da sua cultura.

A implementação dos espaços esbarra na disponibilidade de recursos financeiros, afinal os brinquedos são produtos que precisam ser trocados ao longo do tempo. Eles

quebram, estragam, desgastam devido seu uso constante. A diretora Maria afirma que o Centro de Educação Infantil é carente em brinquedos,

Quando eu cheguei aqui, o Ceinf é pequeno! Vi que o Ceinf era um espaço que tinha possibilidades, mas as crianças não sabiam brincar, não tinha os brinquedos. As pessoas também não tinham essa visão de que o brincar é importante. Era muito escolarizado. A gente fez todo um trabalho, conversou com os professores, fez formação, falando da importância do brincar.

A diretora demonstra que sabe da importância do brinquedo dentro do processo de educação e desenvolvimento das crianças e que brincar não é inato. Enaltece a importância da formação continuada incentivando professoras e recreadoras a participar de cursos e palestras nas universidades, e organizando projetos de formação no CEINF no horário de trabalho.

A diretora Ana deseja comprar brinquedos grandes para a área externa, mas como esses modelos são caros e não cabem no orçamento atual, ela aguardará uma nova oportunidade, dando preferência na próxima compra para os modelos de movimentos, porque são os que as crianças mais gostam, como petecas e corda. Para ela, esses modelos fazem falta no cotidiano da instituição.

A partir desses dados, podemos concluir que nas duas instituições há interesse na promoção do brincar com qualidade, visando sempre à criança em primeiro lugar. No entanto, devido à situação financeira das instituições, escolha do modelo é sempre pautada no binômio preço e qualidade, levando em consideração os critérios de segurança estabelecidos pelo INMETRO.

É válido ressaltar que, em nenhum momento das entrevistas, as gestoras comentaram sobre os brinquedos de personagens, que fazem tanto sucesso entre as crianças, como: Barbie, Frozen, Hot Weels, Carros e outros. Acreditamos que por esses brinquedos de personagens serem mais caros, as gestoras não os compram. Na verdade, esses brinquedos de personagens têm um custo elevado por causa da licença do personagem e não por causa das habilidades que proporcionam a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o brincar está presente na vida da criança, desde os primeiros dias de vida, é brincando que a criança começa a compreender valores e costumes da sociedade em que está inserida.

Compreendi que é por meio de brincadeiras que a criança consegue desenvolver sua imaginação, entrar e sair do mundo de faz de conta, simular situações da vida adulta, como dirigir, cozinhar e outras. E o brinquedo faz parte dessa fase da criança; ele é o seu companheiro. O brinquedo está presente na maioria das brincadeiras. Com ele o brincar fica mais divertido. E por pertencer ao mundo da criança, ele também se faz presente nas instituições que ofertam a Educação Infantil, ele assume a função de suporte no processo de aprendizagem.

Os autores estudados ressaltam a importância do brinquedo no contexto da Educação Infantil. Alguns veem o brinquedo com um facilitador do ensino, ou seja, acreditam que o brinquedo permite ao professor organizar situações de aprendizagem diferentes da rotina. Perspectiva na qual concordo. Para mim, o brinquedo tem um diferencial no processo de aprendizado. Quando o professor faz uso em uma atividade, ele está propiciando novas formas de aprendizagem para a criança; está estimulando sua criatividade, está lhe oferecendo novos desafios.

Acredito que o brinquedo seja fundamental no desenvolvimento integral da criança, por isso, os adultos devem ter cuidado na hora da escolha do brinquedo a ser ofertado para a criança, seja ela no lar, nos centros de Educação Infantil, nas brinquedotecas e outros espaços frequentados por elas.

Quando realizei a pesquisa de campo, pude perceber o quanto é difícil trabalhar com um orçamento pequeno, o quanto a questão financeira é importante para a gestão da instituição. As duas gestoras deixaram claro que a verba que recebem do PDDE e da prefeitura não é só para a compra de brinquedos. Elas têm que dividir esse dinheiro com as outras despesas, como manutenção e compra de outros produtos pedagógicos. Então, o que sobra para compra de brinquedos é uma quantia pequena.

Portanto, durante o intervalo entre uma compra e outra de brinquedos, elas elaboram a lista de modelos que as crianças precisam; vale ressaltar que nem sempre elas conseguem comprar todos os modelos que estão na lista. Compram de acordo com o dinheiro disponível no momento; se o modelo de brinquedo for muito caro, não é comprado. Porém

esse modelo não fica esquecido, fica na lista até a instituição ter condições de comprá-lo. Às vezes é preciso promover alguma ação na instituição para arrecadar a quantia necessária para a compra tão desejada.

Os responsáveis pela elaboração da lista dos modelos para aquisição são as diretoras, professoras, coordenadoras, atendentes (ou profissionais não docentes) e as crianças. Os modelos são escolhidos a partir da necessidade das crianças. Durante o cotidiano as professoras observam quais as brincadeiras que as crianças estão realizando e se percebem que tal brinquedo viria a contribuir, esse modelo é inserido na lista.

A equipe pedagógica tem acesso a site e catálogos de fabricantes de brinquedos, podendo escolher os modelos de acordo com a função e habilidade de cada um. A maioria das compras é realizada nas papelarias de Campo Grande, mas às vezes compram direto do fabricante. Geralmente as instituições evitam comprar brinquedos de artesãos, pois para cada compra, é necessária a apresentação de três (3) orçamentos, a burocracia, a falta de documentação e a ausência de certificação dificultam a compra direta do artesão. A seleção dos modelos de brinquedo é feita de acordo com as normas do MEC, cada brinquedo tem que conter o certificado do INMETRO, faixa etária, para evitar acidentes com as crianças.

Pois quando se pensa em comprar um brinquedo, é preciso observar algumas informações: faixa etária da criança que vai manipulá-lo, as habilidades intelectuais, físicas e sociais que o brinquedo permite que a criança desenvolva, a classificação do brinquedo e forma de utilização.

Outra maneira de as instituições adquirem os brinquedos é por meio de doação, que geralmente são feitas por pais ou avós das crianças. Neste caso é feita uma inspeção no objeto para verificar o estado de uso, se não há peças quebradas, se têm conserto e selo do INMETRO. A divisão dos brinquedos é feita de acordo com a faixa etária de cada grupo de criança.

Os brinquedos maiores geralmente ficam de fora das compras, pois são caros e como a necessidade das instituições é grande, eles não são comprados com frequência. Os brinquedos são produtos que possuem vida útil pequena, com o passar do tempo e uso pelas crianças eles estragam. No entanto, percebi que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas diretoras, elas sempre estão buscando maneiras de conseguir recursos para a compra de brinquedos; fazem ações com a comunidade para arrecadar dinheiro e poder comprá-los.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICH, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Educação Infantil – Creches:** atividades para crianças de zero a seis anos. 2. Ed. Moderna, 1995.

ANGOTTI, M. Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezatto (Orgs). **Pedagogia (s) da Infância:** Dialogando com o Passado Construindo o Futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 95 – 113.

ATZINGEM, Maria Cristina Von. **A História do Brinquedo:** para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo. Alegro, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por Amor e Por Força:** rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOMTEMPO, Edda. Brinquedo: critérios de classificação e análise. **Cadernos do EDM. Comunicações e debates**, v. 2, n. 2, p.36-44. São Paulo: FEUSP/EDM, jun. 1990.

BOMTEMPO, Edda. Brinquedo e Educação: na escola e no lar. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), vol.3, n1, p.61-69, 1999.

BOTO, Carla. **Rousseau Preceptor: Orientações Pedagógicas Para a instrução de crianças verdadeiras.** 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/13.pdf>>. Acesso em 25 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB n. 5**, de 17 de dezembro de 2009, que fixas Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Resolução CONANDA n. 163**, em 13 de março de 2014, que dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente.

BRASIL. Ministério Da Indústria, Do Comércio E Do Turismo. Instituto Nacional De Metrologia, Normalização E Qualidade Industrial – Inmetro. **Portaria n 177**, de 30 de novembro de 1998, que outorga o parágrafo 3º do artigo 4º, da Lei 5.966, de 11 de dezembro de 1973.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, **Resolução FNDE/CD n, 12**, 10 de maio de 1995, que cria o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

BROUGÈRE. Gilles. **Brinquedo e Companhia.** Trad. Maria Alice A. Sampaio Dória. São Paulo: Cortez, 2004.

BROUGÈRE. Gilles. **Brinquedo e Cultura.** Rev. e Adap. Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2010.

CAMPO GRANDE. Prefeitura Municipal. **Decreto n. 12843**, de 14 de maio de 2016. Institui a classificação tipológica das escolas da rede municipal de Campo Grande – MS, e dá outras providências. Diário Oficial de Campo Grande-MS, 15 de março de 2016.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6º ed. São Paulo. Editora Cortez, 2000.

FRIEDMANN, Adriana [et al]. **O Direito de Brincar: a brinquedoteca**. 4ª ed. São Paulo. Edições Sociais: Abrinq, 1998.

GERHARDT, E. Tatiana; SILVEIRA, T. Denise. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/dera005.pdf. Acesso em: 28 maio 2017.

GOLDSCHIMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Artmed, 2006.

GUERRA, Vera Lucia. A importância do brinquedo para crianças portadoras de deficiência mental, deficiências múltiplas e paralisia cerebral: uma análise do discurso dos educadores. 1998. 193 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko, FREYBERGER, Adriana. **Brinquedos e Brincadeiras de Creche**. Ministério da Educação. 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. Ed. 14º. São Paulo. Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko, Morchida. O Brinquedo na Educação: considerações históricas. Série **Idéias**, O cotidiano da pré-escola, n. 07. São Paulo: FDE, 1990. p.39-45

KISHIMOTO, Tizuko, Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos, (Orgs). **Jogos e Brincadeiras: tempos, espaços e diversidade: (pesquisa em educação)**. São Paulo. Cortez, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Escolarização e brincadeira na educação infantil. In: História da educação: processos, práticas e saberes[S.l: s.n.], 1998.

KOBAYASHI, M. C. Monteiro; KISHIMOTO, Tizuko M.; SANTOS, A. Silvana. **Implantação de sistema de organização e classificação de brinquedos e jogos: a experiência do laboratório de brinquedos e de materiais pedagógicos – LABRIMP**. [S.l.: s.n.], 2009.

LEBOVICI, S.; DIATKINE, R. **O Significado e Função do Brinquedo na Criança**. 3ª edição. Tradução Liana Di Marco. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1988.

LEITE, Maria Isabel; Ostetto, Luciana, E. (Orgs.). **Museu, Educação e Cultura: encontro de crianças e professores com a arte.** 2º ed. . Campinas, SP. Papirus, 2006.

MALUF, Angela C. Munhoz. **Atividades Lúdicas Para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas.** 4º ed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2014.

OLIVEIRA. Paulo, Salles. **O que é brinquedo.** São Paulo: Brasiliense s.a, 1984.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezatto (Orgs). **Pedagogia (s) da Infância: Dialogando com o Passado Construindo o Futuro.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **A Psicologia da Criança.** Trad. Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Revista da Papelaria, n. 236, a. XXIV. São Paulo: Abril, 2017.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.